

I
**Em vagões chumbados rumo
a um destino desconhecido**

Os vagões tristes me carregam para lá. Eles vêm de toda parte: do leste e do oeste, do norte e do sul. De dia e de noite, seja qual for a estação: primavera, verão, outono, inverno. Os comboios chegam lá abarrotados, incessantemente, e Treblinka prospera mais a cada dia que passa. Quanto mais comboios chegam, mais Treblinka consegue absorvê-los.

Partimos da estação de Lubartow, a cerca de 20km de Lublin.

Assim como todos nós, não sei para onde nos levam, nem por quê. Tentamos saber mais sobre isso durante o trajeto. Os guardas ucranianos que nos vigiam não dão mostras de nenhuma benevolência e se recusam a nos responder. A única coisa que ouvimos deles é: “Ouro, prata, objetos de valor!” Os assassinos não nos deixam em paz. Não se passa um instante sem que um

deles nos aterrorize. Agridem-nos com coronhadas, e todos tentam molhar a mão desses criminosos a fim de evitar os golpes.

Eis o retrato do nosso comboio.

Estou com a minha irmã caçula Rivke, uma bonita garota de 19 anos, e um de meus bons amigos, Volf Ber Rojzman, sua mulher e seus dois filhos. Conheço quase todos os que estão no vagão. Eles vêm do mesmo *shtetl**, Ostrow Lubelski. Somos 140, espremidos uns contra os outros, respirando um ar viciado. Como é impossível nos deslocarmos, somos obrigados a fazer nossas necessidades no local, embora homens e mulheres estejam misturados. Ouvimos gemidos, e as pessoas perguntam-se umas às outras: para onde vamos? Respondem dando de ombros e soltando um suspiro. Ninguém sabe para onde vamos, e, ao mesmo tempo, ninguém quer acreditar que somos levados para onde há meses nossos irmãos e irmãs, todos os nossos, são deportados.

Outro amigo, Katz, engenheiro, está sentado ao meu lado. Ele me garante que vamos para a Ucrânia e que seremos instalados fora das cidades, que poderemos cultivar a terra. Ele sabe disso, pois um tenente alemão lhe contou. Era o diretor de uma fazenda estatal

* *Shtetl*: do iídiche, “lugarejo”, com maioria de população judaica. (N.T.)

que fica a 7km do nosso *shtetl*, em Jedlanka. Ele lhe faz essa confiança para lhe agradecer por ter consertado um motor elétrico. Quero acreditar nisso, a despeito das aparências.

Avançamos. Nosso comboio para com muita frequência, interrompido pela sinalização, pois não é prioritário e deve deixar passar os trens regulares. Passamos por diversas estações, entre as quais Lukow e Siedlce. A cada vez que o trem para, peço aos ucranianos que descem à plataforma para nos arranjam água. Não respondem, mas, se lhes dermos um relógio de ouro, eles nos trazem um pouco d'água. Muitos entregaram seus objetos de valor sem receber em troca os poucos goles prometidos.

Tenho sorte. Peço um pouco d'água a um ucraniano, ele exige cem zlotys por uma garrafa. Aceito. Pouco depois, ele volta com meio litro. Pergunto-lhe quanto tempo de viagem temos pela frente. Ele me responde: três dias, pois vamos para a Ucrânia. Começo a achar que é verdade... Faz praticamente 15 horas que partimos, e não percorremos mais de 120km.

**Entramos num bosque. Uma imagem
da morte. Os homens à direita,
as mulheres à esquerda!**

São 4h da manhã; nos aproximamos da estação de Treblinka, a 7km de Malkinia. O trem para. Os vagões permanecem fechados e ignoramos o que acontece. Aguardamos uma nova partida. Minha irmã me diz que sente fome. Mas não temos praticamente nada para comer. Como partimos precipitadamente do nosso *shtetl*, não conseguimos comprar nada. Explico à minha irmã que o caminho será longo e que devemos racionar tudo, com medo de que nossas provisões não sejam suficientes para toda a viagem. Ela compreende e resigna-se a não comer. Diz que não está com tanta fome assim...

A espera dura algumas horas. O comboio volta a partir.

Do lado de fora é dia. Estamos preocupados, pois o trem fez meia-volta. Avança lentamente, entramos num bosque. Olhamos uns para os outros. O que está

acontecendo? Pela claraboia do vagão descobrimos um quadro aterrador, uma imagem da morte. Montes de roupas. Constatamos que estamos perdidos. É o fim. Pouco depois, os portões se abrem brutalmente e berram para nós: “*Raus! Raus!*” Não tenho mais nenhuma dúvida com relação ao nosso destino. Pego minha irmã pelo braço e me apresso em descer do vagão. Deixo tudo lá. Minha pobre irmã me pergunta por que estou deixando nossas malas. Respondo-lhe:

– É inútil.

Não tenho tempo de lhe dizer outra coisa, e a berraria recomeça:

– Os homens à direita, as mulheres à esquerda!

Nos beijamos rapidamente e nos despedimos para sempre.

As estocadas vêm de tudo que é lado. Os assassinos nos empurram enfileirados até um pátio. Berram para entregarmos o ouro, a prata e os objetos de valor que ainda temos conosco. Os que tentarem dissimular o que quer que seja serão abatidos. Quase todos entregam tudo que lhes resta. Em seguida, eles nos ordenam que tiremos nossas roupas e amarremos nossos sapatos um no outro. Obedecemos o mais rápido possível, pois os chicotes voam acima de nossas cabeças. Quem demora muito a se despir é espancado sem cerimônia.

Estou nu e olho à minha volta. Não tenho mais nenhuma ilusão, estamos perdidos. Observo que,

nos galpões defronte, mulheres e crianças se despem. Ouvem-se gritos de angústia. Impossível se aproximar. Recebemos ordens para formar. Todo mundo obedece. Os que ainda estão tirando a roupa são ferozmente espancados. Uma vez todos alinhados, eles se aproximam e escolhem uma centena de homens, unicamente jovens. Faço parte desse grupo. Os outros são levados, não sabemos para onde. Encontro-me entre os cem jovens selecionados. De longe, vejo meu amigo Rojzman com o filho. Não sei de que lado vale mais a pena estar. Faço-lhe em todo caso um aceno com a mão para que se junte a mim.

Ficamos ali por alguns minutos, até que todos os demais sejam levados. Em seguida somos reconduzidos até as bagagens. Cada um de nós é obrigado a carregar um fardo maior que o nosso tamanho. Quem escolher uma mala pequena é chicoteado. Empurram-nos para uma esplanada. No caminho há guardas dispostos um ao lado do outro como as argolas de uma corrente viva, a fim de que nenhum de nós possa escapar ao chicote.

Chego à esplanada e fico horrorizado com o que vejo: montanhas de bagagens de diferentes alturas. Levam-nos até uma delas, constituída de lenços, cobertores e bolsas. Diante dos montes, realizam uma triagem. Constato que são todos judeus e, correndo até eles, pergunto: